VISÃO DO CORREIO

Alerta nuclear não deve ser descartado

No fim de semana, o jornalista americano Tucker Carlson publicou na rede X um texto afirmando que os Estados Unidos podem estar a poucos dias de lançar um ataque nuclear contra o Irã. Segundo ele, o alvo seria a instalação subterrânea de Pickaxe Mountain, no centro do país, onde a inteligência israelense diz que Teerã retomou o enriquecimento de urânio. O presidente Donald Trump, pressionado pelo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, ainda hesitaria, aconselhado pelo vice-presidente JD Vance e pelo enviado especial Steve Witkoff, a buscar um acordo. Para Carlson, depois do primeiro disparo a Terceira Guerra Mundial seria inevitável.

O aviso vem de alguém do próprio campo político de Trump. Carlson é um dos comunicadores mais influentes da direita americana, apoiou o movimento que levou o republicano ao poder e é crítico de longa data das intervenções militares americanas no exterior. O texto tem fragilidades que precisam ser ditas. Apoia-se em um observador não identificado e não apresenta documentos. A Casa Branca não confirmou nenhum dos pontos, e Carlson anuncia, desde abril, ataques iminentes que não aconteceram. A data e os detalhes devem ser tratados com cautela. Mesmo com essas ressalvas, o alerta chega num contexto que torna difícil descartá-lo.

Em setembro, da tribuna da Assembleia Geral da ONU, Trump disse ter uma grande decisão a tomar: fechar um acordo com o Irã ou aniquilar a República Islâmica, e rapidamente. Logo depois, recuou e convidou os demais países a aderirem ao isolamento econômico de Teerã. Segundo Carlson, desde fevereiro, a doutrina nuclear americana foi discretamente ajustada para facilitar o uso de armas nucleares de campo de batalha, e ninguém em Washington, em nenhum dos dois partidos, parece preocupado com isso. Também esse ponto carece de confirmação, mas descreve o tipo de movimento que um alerta como o dele pretende denunciar.

As consequências de um ataque desse tipo ultrapassariam em muito o território iraniano. Desde Hiroshima e Nagasaki, há 81 anos, nenhuma arma nuclear foi usada em combate. Esse intervalo se sustenta em um tabu, e quem tem o maior arsenal do mundo e o quebra entrega a todos os outros o argumento que faltava. Vladimir Putin, que já fez chegar à Otan a ameaça de empregar armas nucleares em torno de Kaliningrado, teria um precedente para invocar diante de Kiev. A China poderia citá-lo ao calcular os custos de uma ação contra Taiwan. Índia e Paquistão, vizinhos nucleares com décadas de hostilidade, passariam a viver sob a lógica de que a bomba voltou a ser uma opção de guerra convencional.

O Irã, por sua vez, tornaria imprevisível qualquer resposta. Um país atingido por uma arma nuclear, com redes de aliados espalhadas pelo Oriente Médio e acesso a métodos que não obedecem a regras militares, pode reagir de formas que nenhum planejador consegue mapear. Ataques à infraestrutura energética do Golfo, contra bases americanas e contra aliados na região são cenários óbvios. A hipótese de um atentado com material radioativo numa grande cidade ocidental, Nova York inclusive, não pode ser excluída por quem avalia o risco com honestidade. Carlson menciona ainda o comprometimento do abastecimento de água de países inteiros e o choque nos mercados de energia.

Se o alerta do comunicador se revelar mais um exagero, o mundo terá motivos para respirar aliviado. Mas a conversa que ele provoca precisa acontecer antes de qualquer decisão, e não depois. O uso de uma arma nuclear em combate é uma linha que não pode ser cruzada em hipótese alguma, por nenhum país e sob nenhuma justificativa. Aliados de Washington, o Congresso americano, as Nações Unidas e a imprensa precisam dizer isso com clareza ao governo Trump, antes que a pergunta deixe de ser hipotética.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

A Trump o que é de Trump

Talvez nunca antes na história moderna dos Estados Unidos tenha existido um presidente tão controverso, tão polêmico e tão ambíguo como Donald J. Trump. Sem papas na língua e capaz de emitir sinais difusos — e bastante confusos —, Trump talvez somente tenha como rival o próprio ego. No momento em que escrevo este artigo, o presidente que se sente no centro do universo sofre uma ameaça quase palpável de corrosão do próprio poder.

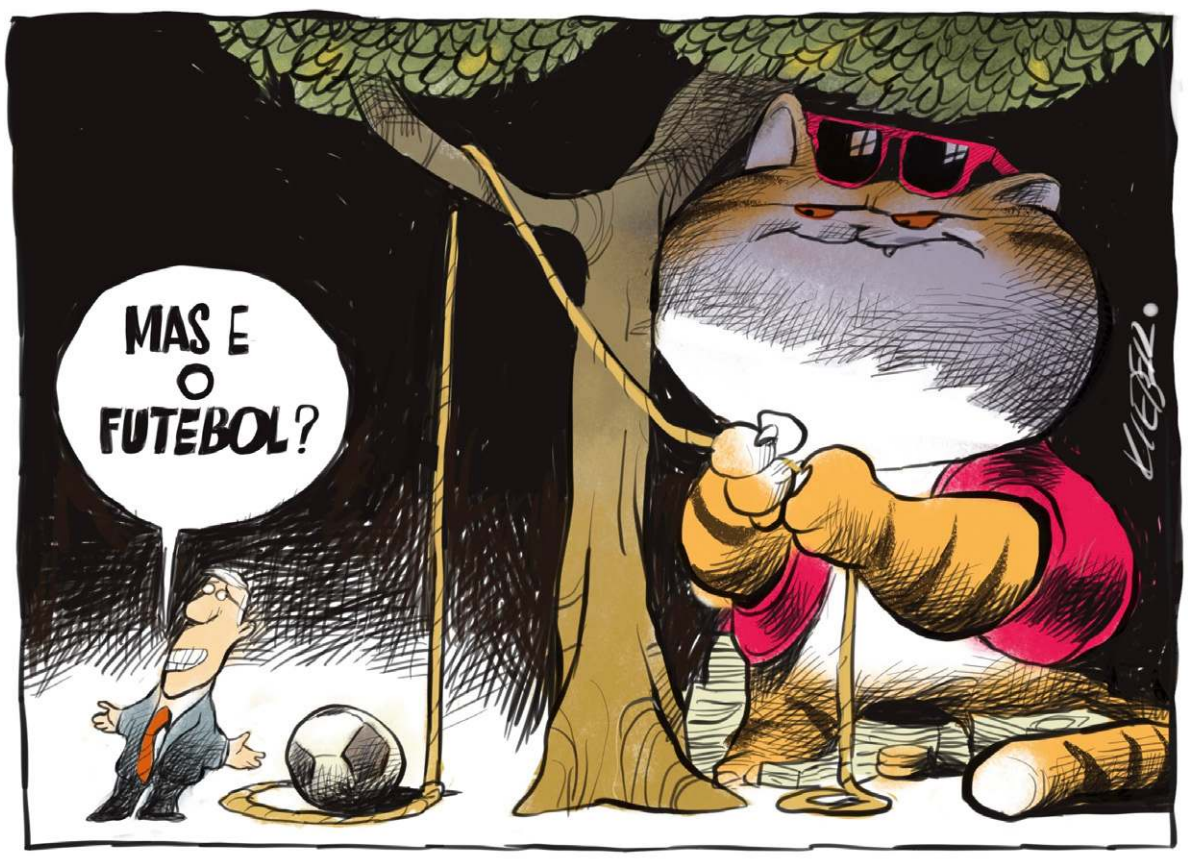
Se perder maioria no Congresso para os democratas, o republicano terá que vestir a carapuça de pato manco. Governará praticamente sem poder de fato, refém da Câmara dos Representantes e do Senado até 2028. Se mantiver ao menos o domínio sobre uma das Casas, ainda terá tarefa hercúlea pela frente: reverter a baixa popularidade e enfrentar uma possível recessão da economia norte-americana, provocada, em grande parte, por sua guerra no Irã e sua inflação sobre o preço dos combustíveis.

Se não tivesse passado parte de seu governo tentando ser o xerife do mundo e impondo tarifas inclusive a países aliados... Se não tivesse encarnado o papel de boquirroto, ao ameaçar capturar a Groenlândia, invadir o México, fazer bravata contra o Canadá, derrubar o regime de Cuba e mudar até o nome do Golfo do México para Golfo da América...

Se não tivesse se aventurado em uma guerra de incertezas contra o Irã, arrastado por Israel, um aliado histórico... Se não tivesse anunciado com estrondo ao mundo um plano de paz para a Faixa de Gaza que ficou só no papel... Se tivesse cuidado mais da própria economia, talvez Donald Trump vislumbrasse perspectivas melhores em relação à eleição legislativa. Trump é o produto de si mesmo. Um executivo que interpreta o ato de governar como a gestão de uma empresa ou um conglomerado. Um político que não se preocupa com o que fala e com o que faz, por entender que seu poder é ilimitado.

Se, ao ler este artigo, você souber que os republicanos perderam o controle do Congresso, não se surpreenda. A Trump o que é de Trump: na vida comum, assim como na política, cada um tem o quinhão que merece. Trump terá colhido o que plantou. Se o titular da Casa Branca conseguir manter pelo menos o Senado ou a Câmara dos Representantes, terá contado com uma boa dose de sorte.

Em qualquer um dos cenários, os dois próximos anos serão complicados para o republicano. Os democratas capitalizarão os desastres políticos do presidente na tentativa de fazer o sucessor de Trump. Se quiser promover um republicano para o próximo mandato da Presidência — e talvez este seja o secretário de Estado, Marco Rubio —, Trump precisará mostrar resultados na segunda metade de seu governo. E voltar a própria atenção para a política interna. Ao tomar posse, em 20 de janeiro de 2025, ele prometeu uma "era de ouro" para os Estados Unidos, mas perdeu-se no proselitismo político e na vaidade. Ficou apenas na promessa.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Proibição das bets

O drama das famílias com bets não é maior do que o do desemprego no futebol, diz o presidente do Fluminense, Matheus Reis e Montenegro, em audiência pública no Supremo Tribunal Federal (SRF). Mas desde quando o futebol precisa depender do endividamento das famílias? E restringir a publicidade das bets virou sinônimo de acabar com os empregos do futebol? Que modelo de negócio maravilhoso é esse? O problema é a regulação ou a dependência que os clubes criaram?

» **Priscila Borges**
Brasília

Conceito de democracia

Há uma discussão sobre se no Brasil ainda existe democracia. É de admitir-se que sim, porque o significado dessa palavra foi amplificado. Duas referências à democracia esclarecem: 1) a candidata à presidência do Chile Jeanette Jara, ao ser perguntada se em Cuba há democracia, apesar de ser um regime de partido único, respondeu que em Cuba há democracia, só que é diferente da democracia chilena; 2) o nosso reeleito líder, quando indagado se a Venezuela tinha democracia, respondeu que o conceito de democracia é relativo. Sob essas visões, tanto faz ser o regime pluripartidário ou de partido único, ter eleições ou não, serem as eleições transparentes ou fraudulentas, manter presos e exilados políticos, censurar redes sociais, para os que estão no poder, tudo é democracia. Ou seja, democracia é o regime que os favorece. Sob esse conceito, pode-se asseverar que, no Brasil, existe democracia, assim como existe na Nicarágua e no Irã. São formas diferentes e relativas de democracia.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Sem árvores

Quando a minha mãe era criança, aqui em Taguatinga era obrigatório ter pelo menos uma árvore na calçada de cada casa. A administração da cidade mesmo plantava e cuidava da manutenção das árvores. Quando eu era criança, tenho memórias de uma Taguatinga verdejante, que foi sendo destruída com o passar dos anos. Só restam o cimento, o calor e os carros que não deixam passagens para os pedestres nas calças

» **Carlice Gonçalves**
Taguatinga

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

É imoral defender jogos do tipo bet, pois o algoritmo deles é perverso, feito para viciar no jogo e perder dinheiro.

Marcos Paulino — Vicente Pires

Bets esportivas, tigrinho e cassinos têm que acabar mesmo. Mas as esportivas parecidas com a Loteca são mais tranquilas e podem funcionar.

Ronaldo Gualberto — Brasília

Político à frente do Ministério da Segurança. Decididamente, as palavras segurança e político, na mesma frase, não combinam.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Bullying político nas escolas de educação básica: a polarização é política, mas a falência é moral!

Ioná Ramos — Bahia

Prioridades

O presidente Lula é o maior estadista do Brasil após Getúlio Vargas. Ele poderia deixar um grande legado, concentrando-se em três prioridades: fazer equilíbrio das contas públicas para reduzir as taxas de juros; colocar todas as crianças em ensino de tempo integral; e preservar a Floresta Amazônica, reflorestando-se as áreas degradadas.

» **Itiro Iida**
Asa Norte

Teletrabalho

Flávio Bolsonaro registra presença em sessão sobre PEC da Segurança. Quer ver confusão? É só falar em teletrabalho para servidor público. Tem órgão acabando com o teletrabalho mesmo em locais em que a produtividade do servidor aumentou depois desse formato. Agora, senador em teletrabalho pode?

» **Nathalia Daniela Nobre**
Brasília

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em *Patrimônio também se constrói na periferia*, Gê Coelho, mestre em filosofia e autor do livro *Favelismo: A revolução que vem das favelas*, escreve que o mercado de seguros no Brasil precisa se dar conta de que a proteção financeira não pode ser tratada como um privilégio associado à renda ou ao endereço de um indivíduo. Confira no site do **Correio**

BLOCO DE NOTAS

O jornalista Ronayre Nunes comenta as dificuldades enfrentadas pela oposição na ofensiva para evitar que Davi Alcolumbre seja reeleito para a presidência do Senado Federal. Entre elas, a falta consenso para chegar a um candidato único

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*